



Espaços e encontros de escuta sensível e acolhida das crianças e suas famílias em tempo de excepcionalidade/pandemia na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo - UEIIA

Spaces and encounters of sensitive listening and welcoming children and their families in time of exceptionality/pandemic in Ipê Amarelo Child Education Unit - UEIIA

Espacios y encuentros de escucha sensible y acogida de niños sus familias en tiempo de excepcionalidad/pandemia en la Unidad de Educación Infantil Ipê Amarelo - UEIIA

Jucemara Antunes¹



<https://orcid.org/0000-0002-8140-6752>

Camila Schmitt da Silva Pires²



<https://orcid.org/0000-0003-4027-5239>

Karine Weber³



<https://orcid.org/0000-0003-0540-3119>

Resumo: Este relato tem o propósito de compartilhar a construção de espaços e encontros de escuta sensível com crianças da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo e suas famílias no momento de excepcionalidade vivido pela pandemia de COVID-19. Profissionais que atuam com crianças têm se perguntado: qual o papel da Unidade de Educação Infantil que acolhe as crianças e suas famílias nesse contexto? Como professores e profissionais que atuam com as crianças bem pequenas e pequenas manterão os vínculos sem a convivência no ambiente da escola e a interação física, que foram interrompidas de forma abrupta? Como a escuta sensível do

¹ Doutora em Educação pela UFMS- Universidade Federal de Santa Maria. Professora na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jucemaraantunes@gmail.com.

² Especialista em saúde coletiva pela Universidade Federal Franciscana - UFN. Psicóloga na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, da Universidade Federal de Santa Maria - UFMS. E-mail: camilasspires@gmail.com.

³ Especialista em Educação Física Escolar pela UFMS- Universidade Federal de Santa Maria. Professora na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: weberkarine22@gmail.com.

professor pode acontecer nesse contexto? Com base nesses questionamentos, no coletivo encontramos caminhos possíveis para um grupo de crianças e famílias, os quais abordaremos nessa escrita colaborativa.

Palavras-chave: Educação infantil. Encontros. Escuta sensível.

Abstract: This report aims to share the construction of spaces and sensitive listening meetings with children from the Ipê Amarelo Child Education Unit and their families at a time of exceptionality experienced by the COVID-19 pandemic. Professionals working with children have asked themselves: what is the role of the Child Education Unit that welcomes children and their families in this context? How will teachers and professionals who work with very young and small children maintain their bonds without coexistence in the school environment and physical interaction, which were abruptly interrupted? How can the sensitive listening of the teacher happen in this context? Based on these questions, in the collective we found possible paths for a group of children and families, which we will address in this collaborative writing.

Keywords: Early childhood education. Encounters. Sensitive listening.

Resumen: Este relato tiene el propósito de compartir la construcción de espacios y encuentros de escucha sensible con niños de la Unidad de Educación Infantil Ipê Amarelo y sus familias en el momento excepcional vivido por la pandemia de COVID-19. Profesionales que actúan con niños se han preguntado: ¿cuál es el papel de la Unidad de Educación Infantil que recibe a los niños y a sus familias en este contexto? ¿Cómo harán los profesores y profesionales que actúan con niños bien pequeños para mantener los vínculos sin la convivencia en el ambiente de la escuela y la interacción física, interrumpidas de forma abrupta? ¿Cómo puede suceder la escucha sensible del profesor en ese contexto? Con base en esos cuestionamientos, en el colectivo encontramos caminos posibles para un grupo de niños y familias, los cuales abordaremos en esta escritura colaborativa.

Palabras clave: Educación infantil. Encuentros. Escucha sensible.

Introdução

Nos tempos em que o habitual e o que se conhece não saciam os questionamentos e as realidades encontradas, iniciamos a busca por reinventar as relações de trabalho das diversas realidades e formas, para nos mantermos conectados e darmos continuidade aos vínculos e compromissos já firmados antes mesmo de assumirmos a docência com crianças pequenas. E isso está acontecendo em um contexto em que os sentimentos estão à flor da pele, em que a vida nunca foi tão significativa, em que cada manifestação de carinho e apoio se torna tão intrínseca e próxima, e em que as palavras vêm retomando seu lugar de ações a partir de uma conjuntura inusitada.

Na tentativa de fortalecer os vínculos afetivos, com a compreensão de que a escola, junto da família e dos meios de comunicação são importantes agências socializadoras, ainda mais em tempos de isolamento social, a Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA) desafiou os professores a estabelecerem novas formas de aproximação com as crianças das turmas, de imediato. Vislumbramos, então, a possibilidade de criar grupos utilizando o aplicativo *WhatsApp*, ao qual todas as famílias que compõem a turma Azul Anil têm acesso, para o compartilhamento de sentimentos, situações e acolhimento, para ouvi-las sobre suas angústias e para levar a elas momentos de acalento e sorrisos.

Com a criação dos grupos, outras possibilidades foram sendo mapeadas e empregadas por meio dos contatos com as crianças e famílias. Neste tempo de pandemia, compartilhar experiências e possibilidades com as pessoas pode (re) significar os sentimentos e fortalecê-los, de forma que os dias

seguintes se tornem únicos, principalmente quando, dentro da nova realidade, crianças e suas especificidades estão envolvidas em uma vivência da infância que se encontra modificada.

Encontro com/entre as crianças em uma turma multi-idade: possibilidades de acolhimento, escuta sensível e (re) conexão

A arte de ouvir e escutar o que o Outro está dizendo, levando-o a sério, está relacionada a uma ética do encontro. O mesmo acontece com o ver – mas o que queremos dizer com ver? (DARLBERG, MOSS e PENCE, 2019, p. 204).

Os encontros foram organizados na tentativa de ouvir as crianças, e tiveram como premissa a garantia de seus direitos e suas formas de ser e vivenciar o mundo, principalmente procurando que elas, apesar de viverem a excepcionalidade e estarem privadas do ambiente da UEIIA, pudessem manter as relações de amizade, afeto e carinho que foram construídas em suas turmas. Assim, em um movimento dialógico com as famílias das crianças que constituem a turma Azul Anil⁴, realizamos um mapeamento sobre as possibilidades de cada núcleo familiar em relação ao acesso à internet e à disponibilidade de horários. Após refletirmos, propusemos um momento em que as crianças pudessem se ver e interagir de forma virtual, o que foi organizado por meio de uma plataforma on-line. Além do objetivo central, que era escutar as crianças, o encontro na plataforma de videoconferência possibilitaria que elas pudessem conversar, compartilhar brincadeiras, enxergar amigos e professoras, percebendo que, em meio a tantas mudanças ocorridas em seu cotidiano devido à pandemia de COVID-19, seus pares estavam bem e também em isolamento social.

Em acordo com as famílias, organizamos encontros que aconteciam semanalmente em uma plataforma de videoconferência e duravam em média uma hora, conforme as demandas e o engajamento do grupo. Em um primeiro momento, as crianças, acompanhadas dos pais, demonstraram certa ansiedade e alegria ao visualizarem os colegas e as professoras. Apresentavam seus brinquedos e diziam os nomes dos colegas. Alguns permaneciam sentados em silêncio, apenas observando, enquanto outros pulavam e corriam, cada um em sua individualidade, familiarizando-se com a nova forma de interação e com as ferramentas utilizadas. Desse modo, respeitamos seus tempos, escolhas, alegrias e, até mesmo, nesse momento, sua vontade à participação. Deparamo-nos, enquanto professoras e equipe da UEIIA, com um andamento que nos exigiu, mais do que nunca, processos de escuta; salientamos que entendemos a,

⁴Composta por quatorze crianças de dois a seis anos de idade.

Escuta como sensibilidade aos padrões que conecta, ao que nos conecta aos outros; entregando-nos à convicção de que nosso entendimento e próprio ser são apenas pequenas partes de um conhecimento mais amplo, integrado, que mantém o universo unido. *Escuta*, portanto, como metáfora para a abertura e sensibilidade de ouvir e ser ouvido – ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os nossos sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e também direção) (RINALDI, 2012, p. 124).

A escuta dos gestos, a escuta dos olhares, a escuta do dito, do não dito e a escuta do silêncio permearam os momentos de encontro com/entre as crianças. Com a postura que assumimos, as crianças – protagonistas desse lugar e espaço – propuseram formas de interação de uma maneira potente: mostrar os brinquedos preferidos surgiu de forma espontânea, por exemplo, e em uma brincadeira de boneca, cada criança expressava, no seu brincar de faz de conta, a preocupação com os cuidados básicos da “neném” – se ela havia se alimentado, trocado a fralda ou dormido.

Nessa partilha de vivências, as crianças procuravam apresentar seus brinquedos favoritos e, em uma mistura entre o imaginário infantil e a realidade, gerou-se um espaço de tempo em que as possibilidades de diálogos foram aprimoradas. O encontro, então, passou a ser esperado, aguardado, pois nesse espaço e tempo era possível lembrar e viver novas experiências, embora utilizando outro recurso. Ainda que não se compare ao vivido dentro das instituições de educação infantil, esses são momentos em que as crianças podem se integrar e brincar com os colegas e professores.

Com os objetivos constantes de escutar as crianças, de atribuir sentidos aos seus olhares, gestos, sorrisos e falas, e de lembrar os movimentos que poderiam auxiliar a aproximação virtual, surgiram as iniciativas de proporcionar ações que as aproximassem das lembranças alegres da escola e dos sentimentos pelos professores e colegas. Começamos a organizar, então, encontros com temáticas sugeridas pelas crianças e de contação de histórias.

Nesse cenário, propusemos que elas escolhessem um livro para compartilhar com os colegas e que, na sequência, acompanhadas pelos familiares, contassem a história selecionada, cada uma em um momento. As crianças então interagiram e construíram uma dinâmica para os encontros, que passaram a ter uma contação semanal de histórias, a partir das suas próprias sugestões.

Percebemos que, dentro do contexto da COVID-19, estamos, enquanto turma Azul Anil, (re) construindo formas de nos aproximarmos e nos comunicarmos, potencializando a autonomia, o protagonismo infantil e a experiência do imaginário por intermédio dos contos. Cabe lembrar que estar com elas “[...] é sempre uma forma de intervir na vida das crianças e que esta ação é um ato de grande responsabilidade, sendo também um privilégio, pois aponta caminhos, faz escolha, sugere modos de ser e se colocar no mundo” (BARBOSA, 2016, p. 135).

Guiada pela escuta sensível, nossa ação tem possibilitado espaços de garantia dos direitos das crianças e acolhimento de cada vivência e contexto com os quais temos contato. Enquanto equipe da

UEIIA, sempre frisamos a importância de escutar as crianças, procurando manter um diálogo sobre o que elas vêm apresentando ou tentando demonstrar dentro de diferentes conjunturas, para compreender seus desejos e o porquê de suas negativas. Com tal premissa e com a realidade de um isolamento social, ampliamos o mesmo entendimento para nossas ações, pois sabemos que, para as crianças, inúmeros podem ser os motivos que as levam a querer participar ou não, ou a participar apenas um pouquinho para logo se envolver em outro movimento, alheio a nós.

Portanto, temos consciência de que, algumas vezes, a assiduidade não será regra e que haverá crianças que irão interagir de outras formas – mandando áudios, vídeos, fotos de brincadeiras –, o que respeitamos e valorizamos muito. Consideramos que esses são, de certa forma, momentos únicos, nos quais procuramos enfatizar o respeito às singularidades e contextos de cada família, respeitando certa distância para não invadir sua vida privada e ao mesmo tempo mantendo uma proximidade que nos permita compartilhar, conversar e nos apoiarmos mutuamente.

A partilha/compartilhamento do vivido com/entre crianças e suas famílias

A UEIIA entende que, para engajar as famílias em torno da escola, é necessário construir com elas um vínculo que permita reconhecer suas histórias, possibilidades, saberes e limites, estabelecendo uma relação que garanta condições concretas para o diálogo efetivo em prol da proteção das crianças. Logo, enquanto instituição que fortalece diariamente seu senso de comunidade educativa, faz parte da identidade da UEIIA esta relação de proximidade, verdade, acolhimento e confiança junto às famílias, fato que promoveu os diálogos e manutenção de vínculos estabelecidos nesse momento de fragilidade em que nos encontramos.

A partilha e o compartilhamento do vivido com/entre crianças e suas famílias foi se tornando mais visível a cada dia, semana, mês. E este foi um movimento recíproco, que integrou momentos de brincadeiras das crianças, de vivências nas famílias, áudios e vídeos com mensagens das crianças e dos docentes. Percebemos as significatividades e a riqueza dos registros que estavam sendo enviados, os quais, além de evidenciar as diversas linguagens infantis sendo usadas no cotidiano, demonstravam as formas de exploração do mundo proporcionadas na UEIIA levadas para o âmbito familiar, transpondo os muros da escola.

O que fazer com essa riqueza de registros partilhados e compartilhados? Iniciamos um processo de documentação e retorno às famílias. Com base nisso, organizamos materiais que chamamos de ‘Folhetos da Turma Azul Anil’, com temáticas tais quais: ‘Como podemos qualificar a exploração de materiais e respeitar as diferentes formas de as crianças se expressarem?’; ‘Espaços de brincadeiras de faz de conta: Como podemos criar espaços para as brincadeiras simbólicas das crianças?’. Nesses materiais, também procuramos apresentar possibilidades às famílias.

A cada registro compartilhado entre as famílias e os docentes que compõem a Turma Azul Anil, percebemos o engajamento dos pais em manter um momento junto às crianças, o que se tornou viável especialmente porque alguns estão trabalhando em *home office*. Criou-se, assim, uma rede de possibilidades geradas pelas crianças e potencializadas pelo compartilhamento no grupo, o que, aos poucos, fez com que as famílias se sentissem à vontade para também sugerir algumas ações.

Uma dessas ações surgiu após a contação de histórias do encontro semanal, quando uma das mães sugeriu que seria interessante também compartilharmos histórias pelo grupo no *WhatsApp*. Assim, as crianças poderiam ver a professora sem que necessariamente fosse de forma síncrona, considerando que, em alguns momentos, as crianças não se sentiam à vontade para participar dos encontros. Então, as professoras se organizaram para realizar duas contações de histórias semanais por vídeo. Na tentativa de flexibilizar as formas de contação e com a intenção de buscar novos olhares, também organizamos um audiolivro, postando um capítulo por dia.

Os retornos foram emocionantes, com crianças enviando áudios dizendo: “*Profe, eu adorei a história*” ou ainda “*Profe, quero mais história*”. Um exemplo da interação com as histórias deu-se após a contação do livro “*Monstro das Cores*”, de autoria de Anna Llenas, a partir da qual as crianças, juntamente com os pais, desenharam e pintaram seus monstros tentando identificar as emoções. Quanto ao audiolivro, houve muitos retornos: algumas famílias relataram que as crianças ouviam os capítulos antes de dormir; outra, de uma das crianças pequenas da turma, informou que essa forma de diálogo não despertou tanto interesse. Quanto às crianças maiores, algumas famílias relataram que suas crianças estavam aguardando todos os dias a postagem do capítulo que, a princípio, não era compartilhado no domingo. Uma delas indagou ao pai: “*Pai, procura no grupo que a profe deve ter postado, tem que procurar*”. Estes são movimentos que estão (re) significando as formas de compartilharmos lembranças e vivências junto às crianças.

Escuta sensível como promotora de garantias de direitos das crianças no ambiente familiar

Os contatos com as crianças e as famílias na UEIIA sempre foram balizados pela escuta sensível, o que certamente proporcionou recursos muito significativos às professoras nessa situação em que elas precisam estar inteiras e atentas, mas em que têm interações limitadas com as famílias e crianças. Nesse contexto, escuta-se com sensibilidade as vozes, os silêncios, os movimentos, as ausências, as presenças, os desenhos, tudo em frações que vão acontecendo ao longo dos encontros e desencontros, áudios e vídeos, presenças e ausências. Escutar com sensibilidade abre espaço para que seja comunicado aquilo que a criança ou a família precisa que saibamos, ainda que não seja colocado em palavras.

Escutar com sensibilidade é também saber a hora de intervir, de dar suporte e ferramentas ou de apenas estar lá. Em tempos de pandemia, a rede social e protetiva em torno da criança e da família encolhe, as pessoas e instituições estão menos presentes fisicamente e a importância daqueles que têm acesso à família se acentua, tornando a escuta sensível um compromisso ainda mais fundamental a ser realizado pela escola, que traz consigo a possibilidade de dar alívio, de dar ferramentas e de articular sistemas de garantias de direitos e proteção social das crianças.

Compreendemos que as famílias, nesse contexto, muitas vezes, estavam sobrecarregadas por exigências sociais, demandas de trabalho, questões econômicas, convívio intenso, e nos preocupamos em estar atentos e em oferecer espaços para compartilharmos sentimentos e recursos/ferramentas/possibilidades para esse momento.

Assim, as nossas ações centraram-se em uma escuta sensível para perceber como as crianças e suas famílias estavam, na perspectiva de respeito a cada núcleo familiar e na tentativa de compreender as reações em seu cotidiano. Propusemos encontros com o uso de plataforma para videoconferência com foco em potencializar a compreensão de que a criança também está afetada pelas circunstâncias e precisa de informação clara e adequada sobre o que está havendo, e que mostrará de formas diversas sua compreensão e sentimentos a respeito da pandemia e de conflitos que presencia.

Da mesma forma, dialogamos sobre as crianças e suas aprendizagens sociais, as quais acontecem na sua vida cotidiana: elas também estão aprendendo e se desenvolvendo dentro do ambiente familiar, especialmente quando participam da rotina da casa, em tarefas consideradas corriqueiras.

Cabe ressaltar que algumas famílias se sentiram à vontade para se expressar sobre os momentos de crise e relatar que algumas crianças estão mais irritadas ou regrediram em alguns aspectos. Em um movimento de escuta sensível, baseada no respeito e empatia, procuramos tranquilizar as famílias de que esse é um processo normal diante do contexto que vivenciamos, visto que, nesse momento, a tendência que temos é voltar para funcionamentos mais primitivos, do cérebro reptiliano, com instintos de luta e fuga. É preciso compreender essa regressão da criança como esperada, portanto. Da mesma forma, aspectos que ainda não estavam consolidados podem ter sido bastante afetados.

Considerações finais

A partir do diálogo, da escuta das crianças e suas famílias, fomos descobrindo o que fazer enquanto escola de educação infantil, e como fortalecer os vínculos afetivos para que elas se sintam ainda pertencentes à comunidade escolar, protegidas por estarem seguras em relação aos vínculos e amparo das professoras.

Espaços e encontros de escuta sensível e acolhida das crianças e suas famílias em tempo de excepcionalidade...

Podemos dizer que a intencionalidade de fomentar o fortalecimento de aspectos que tiveram impactos significativos durante o isolamento social são a sensação de pertencimento a um grupo, a manutenção da temporalidade e, principalmente, da afetividade entre todos os envolvidos. Desse modo, buscamos trazer o resumo de uma experiência que tencionou elucidar a importância da escuta sensível das crianças e das famílias como possibilidade de enfrentamento da pandemia no contexto da Educação Infantil.

Por fim, ressaltamos que seguem em análise outros espaços/encontros de acolhidas das crianças e suas famílias, compreendendo que cada tempo nos apresenta demandas e divergentes desafios.

Referências

BARBOSA, M. C. S. Três notas sobre a formação inicial e a docência na Educação Infantil. In: CANCIAN, V. A.; GALLINA, S. F. S.; WESCHENFELDER, N. **Pedagogias das infâncias, crianças e docências (Livro 2)**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2016.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Penso, 2019.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

Recebido em: 15 de junho de 2020.

Versão corrigida recebida em: 30 de setembro de 2020.

Aceito em: 30 de setembro de 2020.

Publicado online em: 09 de abril de 2021.

